

Também na Bahia, queda industrial

Da sucursal de
SALVADOR

O presidente da Federação das Indústrias do Estado da Bahia, Fernando D'Almeida, ele mesmo um empresário da área têxtil, disse que não há como esconder a existência de uma sensível redução da atividade industrial nos mais variados setores. Para isso tem concorrido, no entendimento dele, a redução da demanda no mercado interno e a elevada taxa de juros, acompanhada da restrição acentuada do crédito. A retração do mercado, de acordo com Almeida, pode ser explicada pela própria atitude do governo, que tem incentivado a poupança ao invés da compra de bens.

Esperava-se, segundo Almeida, que essa política fosse compensada por uma expansão do mercado externo, o que acabou não ocorrendo pelo fato de que o mercado europeu já apresenta claros indícios de recessão e porque a formação dos preços internos tornam os produtos brasileiros pouco competitivos. O descompasso entre a desvalorização do cruzeiro e o aumento dos custos internos tornou os preços dos produtos brasileiros sem qualquer condição de concorrer no exterior. Nem mesmo a modificação recente da política de exportação — com o estabelecimento de um crédito-prêmio de 15% — permitiu que os exportadores se desafogassem.

Essa situação recessiva, explicou Almeida, tem trazido reflexos negativos para os setores da construção civil, têxtil, metalúrgico, entre outros, trazendo reflexos no nível de emprego. O Centro Industrial de Aratu já demitiu cerca de mil operários no último mês e o comércio de Salvador, de janeiro a março, desempregou em torno de três mil pessoas. A diminuição do número de empregados, segundo Almeida, é a única maneira que as empresas estão encontrando para diminuir os custos e conseguir sobreviver. Afinal, "as empresas têm de adequar a produção à nova demanda do consumo", disse Almeida.

JUROS

Diretor da Valença Industrial, uma média empresa do setor têxtil, Almeida afirmou que os juros estão acabando com as pequenas e médias empresas nacionais. Em sua opinião, não se pode compreender uma taxa de retenção de 7% ao mês. Além desses aspectos, o presidente da Fieba destacou o fato de que o Nordeste, nesse quadro recessivo, sofre muito mais do que a região Sudeste ou Sul. "Os créditos atribuídos ao Centro-Sul são infinitamente maiores do que os alocados ao Nordeste", disse.

Já o diretor das Indústrias Coelho, um complexo industrial e comercial que envolve exportação de produtos têxteis, óleo vegetal e revenda de carros, Adalberto Coelho, entende que as medidas recessivas que vêm sendo adotadas pelo governo poderiam ter um impacto menor caso os mercados europeu, americano e socialista não vivessem, também, uma situação crítica. Se a situação deles fosse melhor é certo, no raciocínio de Coelho, que os exportadores, como ele, estariam numa situação melhor. O estímulo do crédito-prêmio, estipulado em 15%, é claramente insuficiente pois, explicou, estudos anteriores haviam indicado a necessidade de um estímulo da ordem de pelo menos 25%.

Coelho lembrou que o setor têxtil, isoladamente, propiciou ao País, no ano passado, mais de US\$ 800 milhões de exportação. É desse fato que ele tira a conclusão de que é necessário que o governo encontre um outro estímulo às exportações ou proceda a uma desvalorização maior do cruzeiro para dar maior competitividade aos produtos brasileiros no exterior.

No mercado interno, disse, as empresas estão altamente penalizadas pelo alto custo do dinheiro, ressaltando que elas começaram a sentir isso, de modo acentuado, a partir de março: "à medida que os balancetes mensais foram chegando às mesas dos executivos, eles foram sentindo o violento desgaste sofrido com os custos financeiros". Na fase melhor das Indústrias Coelho, o número de empregados chegava a três mil, mas, nos últimos meses, mais de mil e quinhentos foram demitidos. Coelho, entre outras medidas, insiste na necessidade de o governo rever a política salarial que, nos termos em que está concedida, no entendimento dele, é inflacionária.

CONTRADIÇÃO

O diretor da Norberto Odebrecht, Alfeu Pedreira, ex-presidente da Associação Comercial da Bahia, e um dos mais conhecidos dirigentes empresariais do Nordeste, ao lado de acentuar que não há mais dúvidas sobre a existência de uma recessão econômica, disse estranhar a contraditória medida governamental de, a um tempo, restringir o crédito e liberar a taxa de juros.